

# O DISPOSITIVO DO DIVÃ NO *SETTING* ANALÍTICO VIRTUAL: DESAFIOS NA CLÍNICA PSICANALÍTICA CONTEMPORÂNEA

*Leandro Rocha da Cruz*<sup>1</sup>  
*Lígia Azevedo Daher Chaves*<sup>2</sup>  
*Thales Fonseca*<sup>3</sup>

## RESUMO

O presente artigo, em um primeiro momento, buscou explorar a importância e o papel do divã na clínica psicanalítica contemporânea. Em seguida, investigou-se o papel do divã como ferramenta simbólica e prática no processo analítico, entendendo sua capacidade de potencializar a experiência analítica na clínica virtual. Desde Freud, o divã foi considerado um dispositivo essencial, que facilita a associação livre e a expressão do inconsciente, ao mesmo tempo em que se articula às questões transferenciais. A partir desta compreensão, investigou-se as novas formatações do manejo da transferência e a da associação livre no *setting* analítico online. A pesquisa iniciou-se na inquietação em entender qual a significação do divã na clínica contemporânea, este dispositivo tão emblemático da psicanálise, que é pouco explorado teoricamente em relação às novas demandas culturais e tecnológicas. Ao longo do artigo, destacou-se como a função técnica do divã foi evoluindo e como ele se adapta às novas demandas da contemporaneidade, onde as relações e dinâmicas do *setting* se tornaram mais complexas. Além disso, a discussão sobre transferência, presença do analista e fim de análise é aprofundada, sublinhando como o divã continua a desempenhar um papel central na experiência analítica. Para isso, a revisão bibliográfica se faz pertinente, já que permite analisar diferentes abordagens teóricas sobre o uso do divã, levando em conta as contribuições de autores como Freud, Lacan e teóricos pós-freudianos. Espera-se, ao final, oferecer uma reflexão crítica que possa enriquecer as práticas psicanalíticas e abrir novos caminhos na abordagem da saúde mental em tempos virtuais.

**Palavras-chaves:** Psicanálise; Divã; virtual; Clínica; Transferência.

## ABSTRACT

The present article initially sought to explore the importance and role of the couch in contemporary psychoanalytic practice. Next, we examined the couch as a symbolic and practical tool within the analytic process, understanding its capacity to enhance the therapeutic experience in virtual settings. Since Freud, the couch has been considered an essential device that facilitates free association and the expression of the unconscious, while also sustaining the structure of transference. From this understanding, we investigated

---

<sup>1</sup>Graduando em Psicologia no Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves. Email: leandrocha@yahoo.com.br.

<sup>2</sup>Graduanda em Psicologia no Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves. Email: ligiaadaherc@hotmail.com.

<sup>3</sup>Doutor, mestre e graduado em Psicologia pela Universidade Federal de São João Del Rei. Professor de Psicologia no Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves. Email: thales.vicente@uniptan.edu.br

new approaches to handling transference and free association in the online analytic setting. This research begins with the concern to understand the significance of the couch in contemporary practice, a device so emblematic of psychoanalysis, yet one that is theoretically underexplored in relation to new cultural and technological demands. Throughout the article, we highlight how the technical function of the couch has evolved and how it adapts to the new demands of contemporary times, where the relationships and dynamics within the setting have become more complex. Additionally, the discussion on transference, the analyst's presence, and the end of analysis is deepened, underscoring how the couch continues to play a central role in the analytic experience. For this, a systematic literature review is pertinent, allowing us to analyze different theoretical approaches to the use of the couch, taking into account the contributions of authors such as Freud, Lacan, and post-Freudian theorists. In conclusion, we hope to offer a critical reflection that may enrich psychoanalytic practices and open new avenues in the approach to mental health in virtual times.

**Key words:** Psychoanalysis, Couch; Virtual; Clinic; Transference.

*Você é uma voz.*  
(Paciente 'no divã' em sessão remota)

## 1. INTRODUÇÃO

Desde o surgimento da psicanálise, o divã é considerado um dispositivo característico da clínica psicanalítica, mas sua importância tem sido pouco explorada em nível teórico, visto que há uma carência de publicações científicas que tratem sobre este dispositivo na prática psicanalítica de uma maneira mais detalhada, e, desta maneira, vem sendo tratada como algo auto evidente na prática clínica. Esta pesquisa propõe investigar seu significado no *setting* analítico atual, considerando os desafios e as demandas que são trazidos pela contemporaneidade, tais como as mudanças no *setting* terapêutico que podem influenciar no manejo da transferência, ou ainda questões relacionadas ao sigilo dos atendimentos *online*.

Com as recomendações de Freud (1913/1989) e a experiência dos analistas, o divã é entendido como uma peça fundamental no *setting* analítico. Freud acreditava que este dispositivo facilitava a associação livre do paciente, permitindo a ele acessar o inconsciente e assim trazer à tona os desejos e fantasias que foram recalcados, bem como estruturar a transferência entre analista e analisando. Por outro lado, Fenichel (195, p. 161) em seu texto *Problemas da técnica analítica*, traz a noção que se passou a fazer sobre o divã no senso comum: “relaxamento para o paciente e alívio para o analista do incômodo de ser olhado”. Sendo assim, é possível notar os obstáculos que o simbolismo do divã vem atravessando desde os primórdios da psicanálise.

Para além disso, pretende-se explorar diferentes pontos de vista e abordagens teóricas sobre o uso do divã, levando em consideração tanto os princípios teóricos quanto os práticos

da psicanálise. A pesquisa não tem como objetivo afirmar que o uso do divã se sobrepõem ao uso da poltrona (isto é, das sessões tête-à-tête) na clínica analítica, mas sim, explorar as possibilidades e potencialidades de cada dispositivo no processo analítico contemporâneo. Ao final deste trabalho, espera-se promover uma reflexão crítica sobre as práticas já existentes sobre o divã e aquelas que podem abrir novos caminhos para a saúde mental.

Na pesquisa em psicanálise, a relação entre o lugar de pesquisador e analista implica um olhar para além da investigação. A própria experiência analítica se torna um campo de observação. A pesquisa, então, encontra sua motivação na inquietação e no desejo de analistas e futuros analistas, de tornar-se um objeto de observação, o que pode abrir novas perspectivas para o entendimento do divã e a sua relevância na prática clínica, como foi proposto por Garcia-Rosa (1993).

## **2. REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1. A origem e a justificação do divã**

Freud introduziu o uso do divã na psicanálise, em um primeiro momento, como uma extensão de seu trabalho inicial com a hipnose, uma prática comum no final do século XIX. A técnica hipnótica visava acessar o inconsciente do paciente, induzindo-o a estados de relaxamento e receptividade. Freud trouxe esse assunto em algumas de suas obras, como em *Estudos sobre a Histeria* (Freud, 1895/1996). Contudo, Freud rapidamente percebeu as limitações da hipnose e passou a desenvolver o método da associação livre, onde o paciente era incentivado a falar sem censura. Para criar um ambiente propício a essa prática, Freud (1912, p. 109-122) manteve o uso do divã, acreditando que a posição reclinada ajudava o paciente a relaxar, facilitando a emergência de conteúdos inconscientes, sem as interrupções do olhar direto do analista.

A posição do paciente no divã também facilita a construção da transferência, um dos conceitos centrais da psicanálise. A transferência, segundo Freud (1912), é o processo pelo qual os sentimentos e desejos inconscientes do paciente, originalmente direcionados a figuras importantes do passado, são redirecionados ao analista. Com o paciente reclinado, a ausência do contato visual direto intensifica essa transferência, permitindo que o analista se torne um "ecrã em branco" (Freud, 1912, p. 167-180) sobre o qual o paciente projeta suas fantasias e conflitos internos. Este ambiente favorece o desdobramento da análise, onde o analista pode interpretar essas projeções e ajudar o paciente a compreender as

raízes de seus conflitos psíquicos.

A escolha deste artefato, portanto, não foi arbitrária, mas fundamentada em uma compreensão profunda dos mecanismos psíquicos que operam na relação analítica. Além de facilitar a associação livre e a transferência, o divã também cria um espaço seguro onde o paciente pode experimentar regressões controladas. Essas regressões são cruciais para a reexperiência e elaboração de traumas passados, permitindo que o analisando os reinterprete e ressignifique à luz das intervenções do analista. Sem a presença constante do olhar do analista, ele se sente mais à vontade para entrar em contato com conteúdos mais profundos e dolorosos.

Em *Sobre o início do tratamento* Freud (1913/1989), justifica a escolha do divã como uma maneira de minimizar a influência do analista sobre o processo associativo do paciente. Ele argumenta que a ausência do olhar direto do analista evita que suas expressões faciais interfiram nas associações livres do paciente, que poderia sentir-se constrangido ou orientado por essas expressões. Assim, o divã se tornou não apenas um móvel, mas um dispositivo técnico da prática psicanalítica, teoricamente justificado, promovendo uma atmosfera que permite ao paciente explorar seu inconsciente de forma mais autêntica e espontânea, sem olhar atravessado do outro.

Com o passar dos anos, o uso do divã tornou-se uma marca distintiva da psicanálise clássica, sendo adotado por diversas escolas psicanalíticas que seguiram os passos de Freud. No entanto, a prática foi também objeto de críticas e adaptações, especialmente com o desenvolvimento de novas abordagens terapêuticas. Alguns teóricos pós-freudianos, como Winnicott (1975), questionaram a rigidez do *setting* analítico tradicional, argumentando que o contato visual e a postura mais interativa do analista poderiam ser benéficos em certos contextos clínicos. Essas críticas levaram a uma diversificação nas práticas analíticas, onde o uso do divã passou a ser uma escolha clínica, mais do que uma regra inquestionável.

Atualmente, a psicanálise enfrenta novos desafios com o advento da clínica virtual, que impõe uma reavaliação do uso do divã e do próprio *setting* analítico. A impossibilidade física de mantê-lo no ambiente virtual levanta questões sobre a continuidade das técnicas tradicionais em novos formatos de atendimento.

## **2.2. A função técnica do divã**

O uso do divã na psicanálise desempenha um papel crucial no favorecimento da emergência da transferência, um dos pilares do processo analítico. Freud (1913/1989)

defendia que a ausência de contato visual entre o analista e o paciente, proporcionada pelo divã, ajudava a isolar a transferência, permitindo que esta surgisse de forma clara e distinta como resistência. Esse isolamento era necessário para que conteúdos inconscientes, como impulsos eróticos recalçados, pudessem emergir à consciência. A privação do olhar, portanto, facilita a expressão dessas dinâmicas internas, sem que elas se misturem com as associações livres do paciente, o que possibilita um manejo mais eficaz da transferência pelo analista. Assim, o divã torna-se uma ferramenta central para o sucesso da técnica psicanalítica. Ele reconhecia a complexidade da transferência, entendendo como uma forma de resistência que também é uma ferramenta do trabalho analítico. Através da limitação do contato visual, o divã cria um ambiente propício para que as associações e produções inconscientes se manifestem por meio da transferência.

Ainda sobre a transferência, Freud (1900/1996) salienta que a representação inconsciente em si é completamente incapaz de ingressar no pré-consciente e só pode exteriorizar-se entrando em conexão com uma representação inofensiva que já pertença ao pré-consciente, e servirá para encobri-la, transferindo-lhe sua intensidade. Este é o mecanismo psicodinâmico básico da transferência.

Fazendo uso das palavras de Quinet (2009, p. 169), o divã é um leito de fazer amor, isto é, um amor de transferência. “Leito do qual toda satisfação é excluída: leito de suspiros, de suspirar pelo Um, de transpirar *o pior*, pois aí não tem pai que venha adormecer o desejo”. Ao analista cabe o lugar da invisibilidade, visto que seu ato é real e não uma atuação.

Celenza (2008), argumenta que o uso do divã tenta reduzir o processo analítico ao campo das ideias e fantasias, expressas através da palavra. Esta abordagem é baseada no modelo hidráulico de Freud, que postulava que a supressão da ação favorecia a reflexão. A restrição de estímulos externos, incluindo o contato visual com o analista, aumenta a atenção do paciente aos seus próprios pensamentos, sentimentos e fantasias.

Na mesma direção, Nasio (2003) sugere que a posição de se deitar altera o ponto de vista do paciente sobre si mesmo e o mundo, promovendo uma troca de um estado externo para um interno, quase onírico. Esta mudança facilita a entrega do analista à experiência das palavras do paciente no inconsciente, encorajando um discurso íntimo e uma escuta mais atenta.

Seguindo para Winnicott (1954), em sua contribuição sobre o “espaço de brincar”, temos que o divã facilitaria para o analisando a transição entre a realidade externa e o inconsciente, possibilitando ao analista entender melhor as queixas e sintomas trazidos. Em suas palavras:

O divã e os travesseiros estão lá para o uso do paciente. Eles aparecerão em ideias e sonhos e, então, representarão (stand for) o corpo, os seios, os braços, as mãos, etc. do analista, numa variedade infinita de modos. Mas enquanto o paciente está regredido (por um momento ou uma hora ou um longo período de tempo), o divã é o analista, os travesseiros são seios, o analista é a mãe numa certa era passada. No extremo, nem mesmo é verdadeiro dizer que o divã representa o analista (Winnicott 1954, p.348).

### **2.3. A nova dinâmica do setting analítico**

Dunker (2020), no livro *A arte da quarentena para iniciantes*, aponta que, antes de procurar atendimento clínico, é vital tentar mobilizar os recursos 'naturais' que possuímos para enfrentar o sofrimento, como a palavra compartilhada, o afeto e a compreensão. Estes elementos, muitas vezes subestimados, podem oferecer um suporte significativo ao proporcionar um espaço de acolhimento e validação emocional. Dunker (2020) ainda complementa que a expressão verbal das angústias, acompanhada por um ambiente de compreensão e afeto, pode diminuir a intensidade do sofrimento e proporcionar um alívio temporário. Contudo, se mesmo após essas tentativas a angústia persistir e emergirem sintomas como ideias fixas e circulares, dores inexplicáveis, fobias, padrões repetitivos de comportamento, mudanças no humor, atenção, sono, alimentação, comportamento sexual ou excreção, é aconselhável procurar ajuda profissional.

Como as pessoas não deixaram de sofrer a despeito da necessidade do isolamento social, pode-se dizer que a pandemia de COVID-2019 acelerou o processo de virtualização do *setting* analítico (Barbosa *et al.*, 2013). Nessa nova configuração, a ausência de contato visual direto no atendimento remoto levanta questões sobre a interpretação da linguagem corporal. Sobre a expressão física Fink (2017, p. 317-346), sugere que a interpretação dos gestos deve ser baseada na fala do paciente, pois a linguagem corporal não se comunica de forma autônoma. A escuta atenta às nuances vocais e respiração torna-se ainda mais crucial na modalidade remota, onde os sinais não verbais podem ser mais sutis.

Na psicanálise, o conforto e a liberdade de expressão do paciente são essenciais para o sucesso do tratamento. É recomendado que ele se sinta livre de julgamentos e avaliações, o que pode ser facilitado por uma escuta aberta e não-diretiva. No entanto, essa prática pode se tornar desafiadora fora do ambiente privado do consultório, especialmente no atendimento *online*. A estrutura atencional pode ser alterada, e tanto pacientes quanto analistas podem enfrentar dificuldades de concentração e uma sensação de inquietação devido à falta de presença física. Além disso, a modulação do tempo durante a sessão, crucial para intervenções

precisas e eficazes, pode ser comprometida. Relatos como o de Duarte (2021) e Arantes (2021) indicam que muitos analistas se sentem mais cansados após atendimentos *online* do que nos presenciais, refletindo as complexidades adicionais deste formato de terapia. Além disso, os problemas técnicos, como falhas de conexão, são fontes de resistência que devem ser interpretadas no contexto da análise. A resiliência do *setting* analítico passa pela capacidade do analista de trabalhar com essas falhas, vendo-as como parte do processo analítico e não apenas como obstáculos (Fink, 2017).

Tendo em vista as contínuas mudanças que se fazem necessárias para a psicanálise e o tratamento psicanalítico, trazemos novamente a perspectiva de Barbosa *et al* (2013), que em seu texto *As novas tecnologias de comunicação: questões para a clínica psicanalítica*, afirma que não se pratica psicanálise no vácuo cultural e histórico e muito menos contra as forças da história. “A psicanálise não é uma seita e, menos ainda, uma seita conservadora e reformista. É preciso apoiar-se nos fenômenos e processos da vida - da vida cotidiana - para operar com alguma eficácia” (Lacan, 1992).

Dessa maneira, é preciso entender que, tanto no *setting* presencial ou no virtual, a psicanálise precisa se adaptar às novas demandas culturais e tecnológicas sem abrir mão de seus princípios fundamentais e norteadores. A fala compartilhada, o afeto e a compreensão, como nos traz Dunker (2020), são recursos necessários no manejo do acolhimento do sofrimento do sujeito, ainda mais quando o mesmo apresenta sintomas mais severos e busca por uma ajuda profissional. São esses princípios que devem ser mantidos e revisitados sempre quando há a possibilidade de uma nova transformação no formato de acolhimento analítico.

Se faz importante também considerar que, em meio a essas transformações tecnológicas, diante das quais a psicanálise se vê forçada a se adaptar, ainda se encontra o uso do divã, que além de ser uma convenção histórica, tem o papel de auxiliar na criação da transferência e de um ambiente que facilite a associação livre. Contudo, ressalta-se que não é o divã enquanto móvel, mas enquanto função. Esta, por sua vez, é condicionada pela transferência, e não o contrário. O que valida essa prática, portanto, é o manejo da transferência, que coloca em evidência a presença do analista. Presença que não se resume ao aspecto físico, mas envolve uma dimensão simbólica e interpretativa, crucial para a eficácia da análise. Assim, a prática psicanalítica se reinventa, preservando a centralidade da presença do analista, seja no ambiente físico ou virtual, como um fator determinante na condução do processo transferencial e na eficácia clínica.

## 2.4. Transferência, presença do analista e fim de análise

Começamos esta pesquisa a partir de uma inquietação em relação ao uso do divã na clínica virtual, o que nos levou a nos debruçar sobre um dos conceitos mais fundamentais da psicanálise: a transferência. Como já dito, ela é entendida como um elemento central no processo analítico. Ela é definida como o deslocamento de sentimentos, afetos e fantasias que o paciente nutriu em relação a figuras importantes do seu passado, especialmente pais, familiares ou cuidadores, para o analista. Para Freud (1912, p. 97-108), a transferência além de ser inevitável é, mais do que isso, essencial para o sucesso do tratamento. É através desse mecanismo que o inconsciente pode se manifestar e ser interpretado, possibilitando ao paciente reviver e trabalhar conflitos recalçados.

Contudo, a transferência também pode representar um desafio, uma vez que os sentimentos intensos de amor ou uma certa hostilidade em direção ao analista podem criar impasses que dificultam o progresso da análise. A transferência, portanto, é um dos maiores desafios para o analista dentro do *setting* analítico.

O conceito de transferência nem sempre foi o mesmo. Lacan (1953/1985) no *Seminário 11*, traz uma nova reformulação para este conceito e desloca a ênfase dos afetos para a estrutura simbólica da transferência. Encontra-se no livro *Para Ler o Seminário 11 de Lacan* conforme Gueguen (1997, p.95) a contribuição de que, “de acordo tanto com Lacan e com Freud, a transferência é a transferência de um significante para outro significante e a significação para outra significação”. Daí a clássica definição da transferência como um fenômeno que se organiza em torno do "sujeito suposto saber" — a ideia de que o analista detém um saber sobre os mistérios do inconsciente do analisando, dando a entender que o analista é mais conhecedor do sujeito analisado do que ele próprio. É o analista que tem o saber sobre os desejos e sintomas do analisando. Essa suposição é o que movimenta o processo analítico, permitindo que o paciente atribua ao analista o papel de depositário de seu desejo inconsciente. Lacan ainda traz que a transferência não é um obstáculo, mas sim o motor da análise, já que é justamente através dessa suposição de saber que o inconsciente pode operar. Ao longo da análise, o paciente começa a questionar e, eventualmente, dissolver essa suposição, o que é parte do processo de chegar ao fim da análise.

Rollier (2021), no artigo *Transferência e Presença do Analista*, adiciona uma dimensão mais contemporânea ao conceito de transferência. Ele discute em referido artigo sobre a essencialidade da presença simbólica e corporal do analista para a sustentação da transferência no *setting* analítico. Segundo o autor, o analista deve estar presente de forma que

não seja apenas uma figura passiva, mas alguém que ativa a transferência por meio de sua escuta e postura no *setting*. A presença do analista, portanto, não é apenas física; é, também, psíquica e simbólica, permitindo que o espaço transferencial se mantenha vivo e produtivo ao longo do processo analítico.

A presença do analista é um elemento crucial para o funcionamento da transferência e para a estruturação do *setting* analítico. Lacan (1953/1985), ao falar sobre o papel do analista, destaca a importância de sua presença enquanto suporte para o desejo do paciente. No entanto, essa presença é marcada por uma "ausência ativa", em que o analista deve estar presente sem invadir o campo do paciente com sua própria subjetividade. Nesse sentido, ele ocupa o lugar de Outro, um ponto de ancoragem para o discurso do paciente, mas não age como uma figura ativa no sentido tradicional. É a escuta do analista, sua posição de não-saber que permite o desenrolar do processo transferencial.

Lacan, desde seu primeiro seminário, coloca que a ação do analista é dependente de quem ele é e não de uma técnica pré-estabelecida. O autor, em outra obra (Lacan, 1958/1998), menciona que o analista paga com palavras — que mudam de acordo com a interpretação que cada sujeito faz delas, e paga também com a sua pessoa que é emprestada no suporte para a transferência, visto que o analisando faz do analista o personagem que lhe couber naquele discurso.

Accarini (2021), em *O Analista Essencial*, expande essa ideia ao sugerir que a presença do analista deve ser pensada como uma “presença essencial”, que transcende o campo do visível ou do dito. O analista é essencial não porque responde ou interpreta a todo momento, mas porque sustenta um espaço onde o inconsciente pode operar. Essa presença essencial se manifesta mais pela postura e pela escuta do que pela ação direta. Accarini (2021) propõe que o analista deve saber não intervir em excesso, de modo a deixar espaço para que o paciente possa projetar seu desejo e trabalhar seus conflitos sem a interferência constante do analista.

No entanto, a presença do analista não se limita ao espaço físico da clínica. Paule (2021), em *A Presença Real e a Fugacidade do Corpo*, explora como a presença do analista se transforma no contexto da clínica *online*, na medida em que mesmo quando o corpo físico do analista está ausente, sua presença simbólica e psíquica permanece essencial. A autora ainda argumenta que, no ambiente digital, a presença do analista ainda pode ser sentida de forma real, desde que ele consiga manter sua função de escuta e de suporte ao desejo do paciente. Assim, a clínica contemporânea desafia a ideia tradicional de que a presença física do analista é uma condição indispensável para o processo analítico.

Rollier (2021), propõe que a presença do analista deve ser entendida como algo dinâmico e multifacetado. O analista é presente não apenas pelo que diz ou faz, mas pelo modo como sustenta o espaço transferencial e permite que o inconsciente do paciente possa emergir. A presença do analista é construída tanto pela sua escuta quanto pela sua capacidade de manter uma certa distância que, paradoxalmente, é extremamente ativa.

A transferência e a presença do analista são entendidas como peças fundamentais no *setting* analítico, bem como entender essa relação se torna crucial para a compreensão do caminho até o fim da análise, ou seja, a dissolução da transferência entre analista e analisando. Esse tema, o fim da análise, é um dos mais discutidos na psicanálise, e que envolve diversos fatores técnicos e clínicos que devem ser levados em consideração, como, por exemplo, o manejo da transferência e a posição do analista, além da transformação subjetiva do sujeito analisado durante o processo analítico.

A transferência, entendida como ponto fundamental do processo analítico, é tão essencial para o início do tratamento quanto para o seu desfecho. A repetição dos afetos e dos conflitos que antes eram recalcados e que com a associação livre passaram a ser trazidos para o consciente, foram deslocados para a figura do analista. Essa repetição é crucial para a transformação subjetiva, pois é ela que permite ao sujeito elaborar o que permaneceu recalcado. Freud (1914/2010) também nos traz no texto *Recordar, Repetir e Elaborar*, que é a partir das repetições que os pacientes trazem em suas falas, que é permitido a ele elaborar seus sintomas e quebrar certos padrões de comportamentos. Além disso, em Freud (1915/2022) *Observações sobre o amor transferencial*, Freud aponta que a resolução da análise depende da superação desses afetos transferenciais, em que o paciente deixa de ver o analista como objeto de amor ou de hostilidade e começa a entender sua própria participação no processo inconsciente, ou seja, ele se entende como sujeito da sua própria história.

Com isso em mente, Lacan (1953/1985) enfatiza que o fim da análise ocorre com a queda do ‘sujeito suposto saber’, que para ele define a posição do analista na transferência. É sabido que o analisando constroi esse saber do analista sobre o seu desejo, já que ele precisa que o analista ocupe e sustente esse lugar de transferência. Entretanto, o fim da análise acontece quando o analisando entende que esse saber, até então atribuído ao analista, é, de fato, uma projeção do seu próprio inconsciente. A partir daí, o sujeito deixa de lado a ideia de que o analista é o detentor de todas as respostas e então, assume a responsabilidade pelos seus próprios desejos. O analisando passa a enxergar o analista não mais como alguém que sabe de todas as respostas, mas sim como um facilitador da revelação

das suas questões inconscientes. Esse momento marca a dissolução da transferência. Agora o analisando pode lidar com seus desejos de forma mais autônoma, sem precisar buscar respostas no Outro.

Quinet (2009), oferece uma visão atualizada sobre o término da análise. Para ele, o fim da análise não se resume à dissolução da transferência, mas acontece quando o analisando consegue confrontar o desejo do analista. Esse "desejo do analista" é entendido como o desejo de que o sujeito se reconcilie com seu próprio desejo, em vez de permanecer alienado dele. Ou seja, o analista busca que o sujeito encontre uma posição mais autêntica em relação a seus próprios desejos e subjetividades. Segundo Quinet (2009), o fim da análise ocorre quando o analisando não apenas supera a transferência, mas também adota uma nova maneira de estar no mundo, livre das imposições, expectativas e demandas do Outro.

Ainda sobre o fim da análise, é necessário levar em conta as transformações que a prática clínica tem sofrido, especialmente com o avanço das terapias online. A psicanalista Paule (2021), discute no seu artigo ‘*A Presença Real e a Fugacidade do Corpo*’, o fim da análise no contexto em que a clínica *online* desafia a tradição de que a presença física do analista é primordial para o desfecho do tratamento terapêutico. A autora traz que, mesmo na ausência física do analista, o processo de análise *online* pode chegar ao fim desde que o analista consiga manter sua presença simbólica. O que importa, tanto na clínica *online* quanto na presencial, é o analista sustentar a função do ‘suposto saber’ e de operar o manejo da transferência, permitindo que o analisando atravesse o caminho da fantasia e, eventualmente, dissolva essa relação com o analista.

No fim da análise, junto à dissolução da transferência, o analista reduz-se, como diria Lacan, (2003) a um “des-ser, um dejetivo”. Consideramos que o uso do divã, enquanto dispositivo que marca o desaparecimento do analista enquanto imagem com a consequente proeminência do jogo simbólico de fala e escuta, se insere na candência desse processo, de modo que ao final, o analista não seja sequer uma voz.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Quando eu soltar a minha voz por favor entenda  
Que palavra por palavra eis aqui uma pessoa se entregando  
Coração na boca, peito aberto, vou sangrando.*

*São as lutas dessa nossa vida que eu estou cantando  
Quando eu abrir minha garganta essa força tanta  
Tudo que você ouvir, esteja certa que estarei vivendo  
Veja o brilho nos meus olhos e o tremor nas minhas mãos.  
Sangrando - Gonzaguinha*

O divã, além de ser uma referência da psicanálise, desempenha um papel fundamental na técnica e na prática analítica. Ao proporcionar um ambiente que favorece a expressão verbal e a emergência da transferência, o divã facilita a exploração do inconsciente ao trazer à tona os desejos do analisante. As diversas perspectivas teóricas discutidas nesta revisão destacam a complexidade e a importância do divã no processo analítico, reforçando seu valor como uma ferramenta indispensável na psicanálise. Com a pandemia de COVID-19, no entanto, emergiu a necessidade de adaptação da psicanálise ao contexto remoto, impondo-lhe transformações e tornando uma prática esporádica em uma necessidade constante.

A literatura revela que, apesar dos desafios e resistências, a clínica psicanalítica à distância oferece oportunidades para uma reinvenção do *setting* e para a continuidade do trabalho analítico. A prática remota deve ser vista como uma extensão necessária da psicanálise, capaz de responder às demandas contemporâneas sem comprometer sua essência disruptiva e transformadora. Como afirmou Barbosa *et al* (2013), a psicanálise deve operar com eficácia apoiando-se nos fenômenos e processos da vida cotidiana, incluindo as novas formas de ser e estar no mundo forçadas pela pandemia. A capacidade de adaptação e a inovação no *setting* analítico mostram-se essenciais para manter a integridade e a eficácia da psicanálise em tempos de mudanças drásticas. Assim, a clínica psicanalítica à distância não apenas se adapta às circunstâncias impostas pela pandemia, mas também se expande, explorando novas possibilidades para a escuta e a interpretação, mantendo seu compromisso com a profundidade e a singularidade do trabalho analítico. Parafraseando Freud (1913/1989), que sempre apostou na provisoriedade dos pressupostos da psicanálise e necessidade de sua renovação constante, tudo o que se faz com base nas noções de inconsciente, sexualidade infantil, recalque (e demais mecanismos de defesa), resistência e transferência “pode se denominar psicanálise, mesmo quando chegue a resultados diferentes dos meus”.

A prática *online* também traz à tona reflexões entre a relação de analista e analisante, uma vez que o divã, anteriormente associado ao espaço físico, ganha novas conotações no *setting* online. A distância física pode trazer ao analisando uma nova experiência de acompanhamento psicológico, haja visto que a transferência e a vulnerabilidade são vivenciadas de maneiras não tradicionais. Essa nova dinâmica transferencial pode trazer ao paciente novas possibilidades de compartilhamento dos seus pensamentos e sentimentos de uma forma que pode ser até mais acessível à distância.

Além disso, a flexibilidade que é oferecida pela análise *online* pode ser benéfica para sujeitos que encontram certa dificuldade de locomoção ou que de certa forma estão em algum

contexto de vulnerabilidade. Dessa maneira, a possibilidade de realizar sessões em ambientes que lhe são mais confortáveis, facilita o processo terapêutico. Ainda neste contexto, o divã, mesmo que não fisicamente presente, continua a cumprir sua função, qual seja o facilitador da associação livre e da transferência, permitindo assim que o sujeito se sinta seguro para enfrentar suas próprias barreiras psíquicas.

A adaptação da psicanálise ao *setting* analítico virtual não deve ser entendida como uma diminuição da experiência analítica, mas sim, da necessidade de uma reinvenção clínica que ainda tem como base os princípios fundamentais da psicanálise. A capacidade do divã de se integrar a novas formas, e assim se reinventar, reafirma a relevância contínua da psicanálise. Essas transformações a que foi exposta não só a psicanálise, como também a psicologia, atestam a disposição em continuar garantindo o compromisso com a promoção da saúde mental, independente do contexto.

Permanece, contudo, como lacuna a ser preenchida em pesquisas futuras, um estudo comparativo das análises conduzidas presencialmente e as remotas, focado não no que elas têm em comum, mas no que as diferencia.

## REFERÊNCIAS

ACCARINI, I. O Analista Essencial. **Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais**. Disponível em: <https://institutopsicanalise-mg.com.br/o-analista-essencial1/>. Artigo publicado em 19 de março de 2021. Acesso em: 18 de setembro de 2024 às 14:21.

ARANTES, F. J. C.; PEREIRA, A. F. Psicoterapia online: experiências e percepções de psicólogos no contexto da pandemia de COVID-19. **Psicologia em Estudo**, v. 26, 2021.

BARBOSA, A. M. F. C. As novas tecnologias de comunicação: questões para a clínica psicanalítica. **Cadernos de psicanálise**. Rio de Janeiro, v. 35, n. 29, p. 59-75, jul./dez. 2013.

CELENZA, A. **Vis-à-vis o divã: onde está a psicanálise?** Livro Anual de Psicanálise, São Paulo, v. 21, p. 181-193, 2008.

DUARTE, J. M. S.; BIANCHI, A. F.; SANTOS. A psicologia e a pandemia: a experiência dos psicólogos com a telepsicologia. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 23, n. 1, p. 97-110, 2021.

DUNKER, C. **A arte da quarentena para principiantes**. Boitempo Editorial. 2020.

FENICHEL, O. “Problèmes de technique psychanalytique”. **Revue Française de**

**Psychanalyse**, t.15, p.159-161, 1951.

FINK, B. Análise por telefone (variações na situação psicanalítica). In: **Fundamentos da técnica psicanalítica: uma abordagem lacaniana para praticantes**. 1. ed. São Paulo: Blucher, p. 317-346. 2017.

FREUD, S. A dinâmica da transferência. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1912. p. 97-108.

FREUD, S. Conselhos ao médico no tratamento psicanalítico. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1912. p. 109-122.

FREUD, S. **Contribuição à história do movimento psicanalítico**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Obras Completas,11. Obra publicada em 1914.

FREUD, S. **A Interpretação dos Sonhos**. Vol. IV, Obras Psicológicas Completas, Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Obra publicada em 1900.

FREUD, S. Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I). In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1989. p. 123-144. Obra publicada em 1913.

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1990. p. 189-203. Obra publicada em 1914.

FREUD, S. Observações sobre o amor transferencial. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. 12. Rio de Janeiro: Autêntica, 2022. p. 165-180. Obra publicada em 1915.

FREUD, S. Estudos sobre a histeria. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 109-288. Obra publicada em 1895.

GARCIA-ROZA, L. A. A pesquisa acadêmica em psicanálise. **Anuário Brasileiro de Psicanálise**. Cidade: Relume Dumará, p. 118-121. 1993.

GUEGUEN, G. P. **Para ler o Seminário 11 de Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. p. 93-108.

LACAN, J. **O seminário, livro 11**: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. Obra publicada em 1953.

LACAN, J. **O seminário, livro 7**: A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

LACAN, J. **Os Escritos, livro**: A direção do tratamento e os princípios do seu poder. Rio de

Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. Obra publicada em 1958.

LACAN, J. **O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, J. “O engano do sujeito suposto saber”. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 329.

NASIO, J.-D. **O divã: Psicoterapia e a posição horizontal**. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

PAULE, L.C. A Presença Real e a Fugacidade do Corpo. **Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais**. Disponível em: <https://institutopsicanalise-mg.com.br/a-presenca-real-e-a-fugacidade-do-corpo1/>. Artigo publicado em 19 de março de 2021. Acesso em 18 de setembro de 2024 às 14:40.

QUINET, A. A estrutura da transferência e o uso do divã na análise. In: **Textos fundamentais sobre psicanálise contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. p. 201-215.

QUINET, A. **As 4+1 Condições de Análise**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

ROLLIER, F. Transferência e Presença do analista. **Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais**. Disponível em: <https://institutopsicanalise-mg.com.br/transferencia-e-presenca-do-analista1/>. Artigo publicado em 19 de março de 2021. Acesso em 18 de setembro de 2024 às 14:37.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: **Escritos escolhidos: A maternidade e o encontro da mente do bebê**. Rio de Janeiro: Imago, 1954. p. 348-392.